

dos níveis de bem-estar destes pais, esperando-se que estas modificações tenham desdobramentos positivos na vida de seus filhos. Desta forma, grupos com essa natureza e objetivos poderiam ser oferecidos junto às instituições de saúde e educação como forma de prevenção de problemas de desenvolvimento em crianças, tornando-se uma opção pouco custosa em termos de tempo e recursos que tenderá a apresentar resultados satisfatórios.

REFERÊNCIAS

BOCHI, A.; FRIEDRICH, D; PACHECO, J.T.B. Revisão sistemática sobre programas de treinamento parental. **Temas em Psicologia**, v.24, n.2, pp. 549-563, 2016.

CALEIRO, F.M.; SILVA, R.S. Técnicas de modificação do comportamento de crianças com treinamento de pais. **Encontro Revista de Psicologia**, v.15, n.3, p. 129-142, 2012.

CARNET: The Canadian Aging Research Network. **Work and family: The survey findings for the work and eldercare research group**. Guelph, ON, 1993.

CASSONI, C. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão distemática e crítica da literatura**. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Ribeirão Preto, 2013.

CIA, F.; BARHAM, E.J. Como se tornar um pai presente: impactos de um grupo de pais. **Psicologia Argumento (PUCPR)**, v.32, n.139, p. 150, 2014.

COHEN, S., WILLIAMSON, G. Perceived stress in a probability sample of Unites States. In S. Spacapan, & S. Oskamp (Eds.). **The Social Psychology of Health**. Neiwburg Park, CA: Sage, 1998.

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamentos antissocial. In: DEL PRETTE,

A. ; DEL PRETTE, Z. A. P. (Eds.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea, 2003.

LEME, V.B.R.; DEL PRETTE, Z.A.P.; KOLLER, S.H.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. **Psicologia e Sociedade**, v.28, n. 1, p.181-193, 2016.

MARTURANO, E.M.; ELIAS, L.C.S. Família, dificuldades no aprendizado e problemas de comportamento em escolares. **Educar em Revista**, v.59, 123-139, jan/mar, 2016.

PATIAS, N.D.; SIQUEIRA, A.C.; DIAS, A.C.G. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Advances in Health Psychologist**, v. 41, p. 432-444, 2013.

RIBAS A.F.P., RIBAS JUNIOR, R. C., VALENTE A. A. Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.16, n.3,p. 28-38, 2006.

ROSENBERG, M. Society and the adolescent self-image. Princeton University Press. In: ECHEBURIA, E. **Vencendo a timidez**. São Paulo: Mandarin, 1965.

VANALLI, A.C.G.; BARHAM, E.J. Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n.1, p. 130-138, 2012.

WEBER, L. N. D., PRADO, P. M., VIEZZER, A. P., BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.17, n.3, p. 323-331, 2004.

RELAÇÕES FAMÍLIA- ESCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DESTA PARCERIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

VITAL, Bruna Venturini. - Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação São Luís – Jaboticabal/SP; LOPES, Mario Marcos*. - Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Graduação em Pedagogia e Ciências Biológicas. Especialista em Didática e Tendências Pedagógicas e Gestão Escolar pela Faculdade de Educação São Luís – Jaboticabal/SP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá.

*Autor para correspondência e-mail: mmarlopes@ig.com.br

Recebido em: 10/12/2017
Aprovação final em: 24/03/2018

RESUMO

A relação entre família e escola passou por diversas mudanças ao longo do tempo até chegar às condições atuais. Para abordá-la, é necessário falar sobre a importância das duas instituições na história, juntamente com suas trajetórias, possibilitando assim, um maior entendimento de seus papéis na sociedade. Neste sentido, esse trabalho objetiva entender e discutir a contribuição da relação Família-Escola na educação escolar. Por meio da pesquisa bibliográfica, podemos compreender a influência de cada instituição no processo de ensino e aprendizagem, identificando possíveis maneiras de auxiliar os alunos de forma mais efetiva durante o cotidiano escolar e, a união entre a família e a escola pode possibilitar aos alunos uma educação escolar mais completa e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Escola; Ensino-aprendizagem.

FAMILY- SCHOOL RELASHIONSHIP: CONSIDERATIONS ON THE INFLUENCE OF THIS PARTNERSHIP IN SCHOOL EDUCATION

ABSTRACT

The relationship between family and school has undergone several changes over time to reach current conditions. In order to approach it, it is necessary to talk about the importance of the two institutions in history, along with their trajectories, thus enabling a greater understanding of their roles in society. In this sense, this work aims to understand the contribution of Family-School relationship in school education. By means of a bibliographic research, we can understand the influence of each institution on the teaching and learning process, identifying possible ways to help students more effectively during the school day-to-day life, and the union between family and school can enable students to a more complete and meaningful school education.

KEYWORDS: Family; School; Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

A família¹ e a escola são as principais instituições responsáveis pelo desenvolvimento da criança. É no ambiente familiar que se inicia o processo de socialização e o desenvolvimento intelectual da criança. Em sequência, a escola contribui com esse desenvolvimento, através da transmissão de conhecimentos socialmente acumulados, preparando a criança para viver em sociedade.

A partir disso, percebe-se a grande importância que há em fazer com que essas duas instituições trabalhem juntas, de maneira a colaborar com o processo de ensino e aprendizagem da criança.

Diante disso, essa pesquisa objetiva compreender e discutir a influência de cada instituição (Família x Escola) no processo de ensino e aprendizagem, identificando possíveis maneiras de contribuir para o aprimoramento da educação escolar.

Segundo o estudo sobre a relação entre a família e a escola, das autoras Tavares e Nogueira (2013, p.51) “uma instituição deve ver a outra como complemento do processo educativo, e não como um obstáculo”.

Desse modo, reforçamos que esta relação é um assunto que deve ser mais abordado, pois mesmo nos dias atuais ainda há uma grande falta de entendimento entre as instituições, sobre o papel que cada uma deve desenvolver no processo de ensino e quais prejuízos podem trazer por não haver união entre elas.

Diante disso, o presente trabalho procura através de pesquisa bibliográfica, trazer reflexões a respeito da relação entre a família e a escola e suas contribuições para o processo de ensino, abordando os benefícios dessa parceria para a aprendizagem; apresentando também alguns meios que possibilitem a participação da família no processo educacional.

O trabalho vem se unir a outras produções na área e configura-se como uma oportunidade para ampliar o assunto, afim de que promova uma reflexão de toda sociedade, e principalmente dos

envolvidos, sobre a importância dessa relação entre família e escola.

Por fim, essa pesquisa estrutura-se de qual forma que em um primeiro momento aborda-se a trajetória histórica das duas instituições, possibilitando assim, um maior entendimento de seus papéis na sociedade. Em seguida, a discussão concentra-se em apresentar a relação da Família e Escola para o processo de Educação Escolar. Desse modo, a pesquisa é um convite a reflexão, ao abordar a importância da intrínseca conexão entre essas duas instituições e ao considerar que apesar de amplamente discutido na literatura, o assunto carece de outras contribuições nas mais diversas áreas do conhecimento.

Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, entendida como uma revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico, a qual foi realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Concomitantemente, a seleção das obras foi realizada tendo como foco principal as discussões que abordavam a relação família x escola e sua contribuição para a educação escolar.

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica abrangeu os objetivos de proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento e oferecer subsídios para a redação da introdução e revisão da literatura e redação da discussão do trabalho científico.

Família e escola – história e definições

Para abordar a relação entre a família e a escola, antes é necessário falar sobre as mudanças que ocorreram através dos séculos.

“A família e a escola são as principais instâncias sociais nas quais a criança está inserida e no interior das quais se constroem os processos de sua socialização, primariamente no meio familiar e, secundariamente, na escola” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 43).

No período da Idade Média não havia intimidade familiar, a vida no passado, até o século 17, era vivida em público, “[...] as pessoas viviam misturadas umas com as outras, senhores e criados, crianças e adultos, em casas permanentemente abertas às indiscrições dos visitantes [...]” (ARIÉS, 1978, p. 273 apud VARANI; SILVA, 2010, p. 514).

Segundo Ariés (1981, apud AHMAD, 2009):

A concepção de infância, até então, baseava-se no abandono, pobreza, favor e caridade, desta forma era oferecido atendimento precário as crianças; havia ainda grande número de mortalidade infantil, devido ao grande risco de morte pós-natal e às péssimas condições de saúde e higiene da população em geral, e das crianças em particular. Em decorrência destas condições, uma criança morta era substituída por outros e sucessivos nascimentos, pois ainda não

havia, conforme hoje existe, o sentimento de cuidado, ou paparicação (ARIÉS, 1981), pois as famílias, naquela época, entendiam que a criança que morresse não faria falta e qualquer outra poderia ocupar o seu lugar.

Segundo Tavares e Nogueira (2013), as famílias não viam as crianças como seres inocentes, com necessidades diferentes das dos adultos, portanto as tratavam como se fossem adultos em miniatura.

De acordo com Ariés (1978 apud VARANI; SILVA, 2010), aos sete anos de idade, as crianças começavam a ser educadas pelos mais velhos, que ficavam responsáveis por lhes transmitir seus valores e conhecimentos através de atividades práticas, ensinamentos suficientes para que pudessem viver em sociedade.

Com o passar do tempo, a partir das mudanças sociais, políticas e econômicas do século XVII, os adultos passaram a se preocupar com a educação de seus filhos e então a visão das famílias em relação à criança e a infância começou a ser modificada (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

No século XVIII, a criança começou a ser mais valorizada, obtendo cuidados específicos e foram diferenciadas dos adultos, tendo um maior espaço na sociedade e no seio familiar (SANTOS; TONIOSSO, 2014).

Com o capitalismo e o surgimento das máquinas, a educação transmitida pela família, de forma informal, relacionada às práticas cotidianas, passou a não ser mais suficiente para situar os indivíduos dentro do novo contexto em que estavam inseridos, portanto, houve a necessidade de um novo sistema de ensino (CAMPOS, 2011; SANTOS; TONIOSSO, 2014).

Como destacam Varani e Silva (2010, p. 514):

Venosa (2005) aponta que a composição familiar é transformada drasticamente com o processo de industrialização, com a passagem da economia agrária à economia industrial. A família, neste momento, deixa de ser uma unidade de

¹Tendo em vista a diversidade de organizações familiares e baseado na proposta de Oliveira e Marinho-Araújo (2010), considera-se que a referência à família diz respeito àquelas configurações familiares compostas por, pelo menos, um adulto e uma criança ou adolescente.

produção, na qual todos os membros trabalhavam sob a autoridade de um chefe. Os homens passam a dirigir-se para as fábricas e as mulheres lançam-se para o mercado de trabalho. A saída das mulheres de suas casas para o mercado de trabalho, de acordo com Duarte (2000), foi uma das molas propulsoras nas zonas urbanas para a criação de instituições de educação infantil específicas, e, segundo a autora, com a criação desses estabelecimentos, as famílias deixam de ser o único núcleo protetor das crianças.

A partir desse momento, a escola surge como um local que fornece uma educação diferenciada, sistemática, com saberes diferentes dos que eram ensinados no convívio familiar (SANTOS; TONIOSSO, 2014).

Segundo Santos e Toniosso (2014, p. 126):

A escola em sua origem era um bem que poucos podiam usufruir, pois a educação formal era direcionada às elites dominantes, deixando o restante da população sem os conhecimentos eruditos que eram transmitidos no ambiente escolar. No entanto, a partir dos ideais estabelecidos na Revolução Francesa no final do século XVIII, a educação foi estabelecida como direito de todos na maioria dos países.

Os autores complementam que “nesta perspectiva global de transformações de ideais, o Brasil teve esse direito reconhecido somente com a Constituição de 1988, na qual foi estabelecida a igualdade entre todos os cidadãos, e a educação, que antes era vista como dever apenas da família, passou a ser também dever do Estado, o que favoreceu para que a educação básica se tornasse direito fundamental para o desenvolvimento do indivíduo” (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 126).

Conforme o Artigo 205 da Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988):

Art. 205. A educação, direito de

todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A partir do século XIX e XX, tanto a família quanto a sociedade passam a considerar a criança como um ser que carece de uma atenção diferenciada da que era estabelecida aos adultos, iniciando assim, o que se reconhece hoje como infância (AHMAD, 2009).

A autora complementa que a partir desse momento, começam a surgir instituições específicas para a Educação Infantil, à princípio destinadas ao cuidado das crianças órfãs, ou vítimas de abandono (AHMAD, 2009).

Ao longo do século XX, a educação infantil foi produzida e evoluiu de diferentes formas, sob a influência de diferentes pedagogos ou educadores [...] (AHMAD, 2009).

Conforme a LDB 9394/96, artigo 29 (BRASIL, 1996):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Ahmad (2009) complementa ainda sobre a Educação Infantil:

Como se vê neste artigo da lei, cabe a escola complementar a ação da família no desenvolvimento da criança na sua globalidade, potencializando o desenvolvimento integral da criança. Desta forma à Educação Infantil cabe um entendimento acerca de propostas pedagógicas consistentes no sentido de fomentar a transformação dos conhecimentos intuitivos em científicos, capazes de promover um trabalho para

que as crianças desenvolvam atividades de caráter interativo; capaz também de produzir discussões acerca de seu desenvolvimento intelectual no sentido de ampliar sua experiência sensorial e reflexiva sobre o mundo físico e social, considerando as marcas de suas origens culturais bem como seus conhecimentos prévios, estabelecendo-se aí, processos de subjetivação, de constituição ativa de sujeitos desde a mais tenra idade.

A família desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento do indivíduo, já que será a principal transmissora das condutas e valores que permearão o comportamento do ser que com ela convive (SANTOS; TONIOSSO, 2014).

Os autores apontam ainda que:

A família é vista como um espaço privilegiado de socialização, no qual a criança terá suas primeiras práticas de convivência e divisão de responsabilidades, buscará junto com os outros integrantes da família meios de sobrevivência e, será o lugar em que iniciará seu exercício para a prática da cidadania, com os critérios de igualdade, respeito e dos direitos humanos (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 127).

Portanto, o desenvolvimento afetivo da criança também será influenciado pelas relações familiares, o contexto familiar poderá atingir positiva ou negativamente o bem-estar de seus participantes. A criança, conseqüentemente, será o reflexo da família na qual convive, já que a família é a fonte principal dos valores éticos, morais e culturais de cada indivíduo (SANTOS; TONIOSSO, 2014).

Segundo Santos e Toniosso (2014, p. 127-128) sobre a função da família:

Na perspectiva educacional, a família desempenha uma função importante na educação formal e informal. A instituição família, bem como a instituição

escolar, são ferramentas primordiais no desenvolvimento social, emocional, cultural e cognitivo do indivíduo, ao mesmo tempo em que são transmissoras do conhecimento e dos valores éticos culturais.

Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (DESSEN, POLONIA, 2007 apud SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 128).

Segundo Santos e Toniosso (2014, p. 129):

A Constituição Federal apresenta a importância da participação ativa dos pais na vida social e cognitiva da criança, a família deve agir como potencializador da educação formal de seus filhos, incentivando e acompanhando o desenvolvimento do indivíduo.

De acordo com o artigo 227 da Constituição Federal (1988) sobre o papel da família na educação de seus filhos:

[...] Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Santos e Toniosso (2014, p. 130) reforçam que:

Dessa forma, os pais ou responsáveis deve ter atenção especial à vida de seus

filhos, estando atentos aos cuidados e necessidades que cada criança possui no seu processo de desenvolvimento. Entretanto, é importante ressaltar os segmentos sociais que se encontram a disposição dos pais, a instituição escolar é fundamental na educação formal que todo indivíduo deve adquirir para o seu preparo ao exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, contudo, cabe aos pais direcionar a criança para uma formação sistemática, enfatizando a educação como esfera significativa para seu desenvolvimento integral.

Os autores complementam:

Na medida em que a família não cumpre com suas funções básicas, conseqüentemente, irá gerar problemas adicionais que acarretarão no desenvolvimento do indivíduo que ali convive com os demais membros. Sendo assim, justifica-se a importância de uma boa estruturação familiar, bem como as relações saudáveis dessa instituição com os demais segmentos sociais, priorizando neste trabalho a instituição escolar. (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 128)

Segundo Teixeira (2016), a escola busca desenvolver nos alunos suas capacidades, para que se tornem no futuro, cidadãos participativos e críticos perante a sociedade. Ela tem como finalidade, fazer com que ampliem suas competências cognitivas, físicas e afetivas, através de conteúdos que sejam significativos para suas vidas e que lhes transmitam conhecimentos, atitudes e valores.

Picanço (2012, p. 43) discorre sobre o papel do professor:

O papel de um professor é variado, complexo, mas motivador. Pretende-se que um professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e “eficaz.” Ele deve ensinar, mas também educar, transmitir conhecimentos, mas também inculcar métodos, instrumentos de trabalho e

alguns valores fundamentais nos alunos, como, por exemplo, a compreensão e o respeito pelo outro, a entreatada ou a responsabilidade. E ainda desenvolver o espírito crítico, a reflexão, mas também a criatividade e a curiosidade em termos de aprendizagem.

Deve haver participação dos pais também na escola, pois a educação é uma responsabilidade dos pais e dos educadores. Segundo Picanço (2012) os meios de comunicação, os amigos e a escola, influenciam na vida dos filhos de uma forma significativa, portanto, cabe aos pais encontrar uma maneira de direcionar estas influências de modo que beneficie e contribua com todos.

Segundo o autor, está claro que os pais são os principais responsáveis pelo bem-estar e pela educação da criança. O professor entra nesta relação como um contribuinte, entendendo que sua parceria com os pais deve ter o mesmo objetivo para com a criança, por isso devem estar unidos durante o desenvolvimento desta (PICANÇO, 2012).

Em casa, o desenvolvimento da criança é de responsabilidade dos pais, e à escola cabe o papel pedagógico “(inerentemente relacional e técnico) estabelecendo estratégias operacionais e eficazes para fazer face ao projeto pedagógico da criança” (PICANÇO, 2012, p. 43).

Segundo Picanço (2012), para que os pais consigam colaborar para um melhor desempenho de seu filho na vida escolar, é importante possibilitarem alguns recursos, como: fornecer livros de boa qualidade, reservar um espaço cômodo para que possa estudar, estar atento e orientar durante o cumprimento das tarefas escolares, estar presente nas reuniões de pais e manter conversas benéficas sobre seu cotidiano escolar.

A autora completa que a família também precisa fornecer à criança condições básicas, como: “saúde, alimentação, vestuário, habitação, afeto, segurança e conforto”, elementos estes importantes para o desenvolvimento humano e a aprendizagem (PICANÇO, 2012, p. 44).

Quando a escola e a família conseguem ter uma

boa relação, os pais demonstram interesse pelas atividades escolares, valorizam cada conquista da criança durante a aprendizagem, organizam da melhor forma o ambiente de estudo, contribuindo assim em vários aspectos do cotidiano da criança, fazendo com que esta crie gosto pelos estudos (PICANÇO, 2012).

Segundo Marques (2001 apud PICANÇO, 2012), a relação dos pais com o processo educativo traz melhores resultados escolares, uma maior valorização dos professores, boa comunicação dos pais com os filhos e união entre pais e professores para uma mesma finalidade.

A autora ressalta que:

O papel dos pais no estudo dos filhos é fundamental, senão o mais importante, porque o acompanhamento sistemático, metódico e constante permite que as crianças e jovens tenham uma organização e desempenho muito mais coerentes e lógicos, pois o apoio parental é fulcral para o “crescimento” acadêmico, a criança sente-se “protegida” e acompanhada. Frequentemente os pais pensam que não podem ajudar os filhos, porque têm menos estudos do que eles. É uma ideia errada. Os pais têm um papel muito importante no apoio ao processo educativo, realizado em casa. Este conceito significa não só o envolvimento direto dos pais no ensino da leitura e da escrita, mas também na fixação de rotinas de estudo. Hábitos de trabalho, atitudes favoráveis à aprendizagem e criação de um ambiente favorável ao estudo e à curiosidade intelectual (PICANÇO, 2012, p. 45).

No ambiente familiar “a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos”, portanto, o relacionamento dos membros familiares é determinante para o desenvolvimento da personalidade e consciência da criança (SOUZA; FILHO, 2008, p. 2).

A relação familiar traz para a criança “noções de poder, autoridade, hierarquia”, além de habilidades como: “falar, organizar seus pensamentos, distinguir o que pode e o que não pode fazer, seguindo as normas da sua família” (SOUZA; FILHO, 2008, p. 3).

Os autores reforçam:

Um bom exemplo é o relacionamento com adultos próximos, principalmente pais e irmãos, onde a criança aprende como negociar, cooperar e competir, a fazer amigos e aliados, a ter prestígios e fracassos, a ter oportunidade de experimentar relações com iguais e aprender umas com as outras (SOUZA; FILHO, 2008, p. 3).

Estas experiências vividas no ambiente familiar influenciam e orientam o comportamento da criança para quando se tornar aluno e der início ao convívio com outras crianças (SOUZA; FILHO, 2008).

Souza e Filho (2008, p.3) apontam:

Muitos especialistas no assunto acreditam que o afeto encontrado no seio familiar pode ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar, influenciando a velocidade com que se constrói o conhecimento, ou seja, quando a criança se sente mais segura, aprende com mais facilidade.

A escola contribui para a independência da criança em relação à família e “passa a ser o local para a formação do ser social e para o desenvolvimento do processo de transmissão-assimilação do conhecimento – que pode ser utilizado pelo aluno em seu meio de sociabilidade como instrumento de sua prática” (SOUZA; FILHO, 2008, p. 4).

Contudo, para que o indivíduo seja um agente consciente da sua prática social, é preciso que ele se torne capaz de dominar o conhecimento elaborado

existente na sociedade em que vive, inclusive o próprio modo de produzir este conhecimento (SOUZA; FILHO, 2008, p. 4).

O início do processo de ensino da criança é uma fase importante, porém, difícil, pois a criança é inserida em um ambiente desconhecido onde há a presença de pessoas que ela não tem vínculo algum, uma situação muito distinta a qual ela estava acostumada no seio familiar (SOUZA; FILHO, 2008).

Segundo Souza e Filho (2008), esta fase é assustadora para os pais da mesma maneira que é para as crianças, pois ambos estão inseguros e ansiosos, porém precisam lidar com a situação. Nesse momento, a escola deve agir de maneira incentivadora, transmitindo segurança aos pais, mostrando a importância desta nova fase na vida da criança e os benefícios que lhe trará, e assim, os pais transmitirão esta segurança aos filhos, tornando o processo de adaptação menos angustiante.

Portanto, “é fundamental que os pais sintam a escola como um ambiente seguro e acolhedor”, para participarem e valorizarem a vida escolar dos filhos. (SOUZA; FILHO, 2008, p. 5)

De acordo com os autores:

O terreno objetivo da sala de aula, as relações e as atividades nela realizadas despertam nos alunos a necessidade de valorização, assim são gerados os sentimentos de confiança em si e nos outros; e mais, permitem que as crianças vivenciem, mutuamente, experiências diversas como: o embate, o conhecimento, a aceitação, ao mesmo tempo em que se auxiliam e se fortalecem, imitam seus companheiros, descobrem coisas. (SOUZA; FILHO, 2008, p.5)

Quando a criança está em contato com outras, ela se prepara e evolui de maneira natural para lidar com a realidade vivida na escola, entendendo as regras e começando a se socializar, deixando aos poucos seu egocentrismo para trás (SOUZA; FILHO, 2008).

“A escola tem grande importância educacional na formação do ser social, por isso, a sintonia entre escola e família é fundamental para que criem uma força de trabalho capaz de provocar a mudança da estrutura social”. Sendo assim, a parceria entre elas é algo positivo e essencial para facilitar o processo de desenvolvimento da criança (SOUZA; FILHO, 2008, p. 8).

Família e escola – contribuições para o desenvolvimento escolar da criança

Para abordar o desenvolvimento da criança durante sua vida escolar, é de grande relevância mencionar qual a influência da família nesse processo.

Como vimos na seção anterior, o ambiente familiar é onde a criança tem as primeiras relações sociais, a primeira referência de comportamentos. Onde começa a formar sua personalidade, desenvolvendo e expondo seus sentimentos durante o seu crescimento (SOUZA; FILHO, 2008).

Segundo Sousa e Filho (2008, p.4):

A inserção no contexto escolar representa uma fase muito importante na vida da criança, pois implica um processo de mudança em que ela inicia a saída do aconchego do mundo familiar até então conhecido para estabelecer maiores relações na sociedade.

É de grande importância que os pais tenham a escola como um local seguro e acolhedor, pois assim poderão transmitir aos seus filhos uma maior segurança em relação à escola, facilitando o processo de adaptação da criança (SOUZA; FILHO, 2008).

Segundo Sousa e Filho (2008), a criança tem uma imagem de proteção e de segurança dentro do contexto familiar, e nos momentos em que ela estiver na escola e não sentir a presença da família, cabe à escola fazer com que ela se sinta bem e segura. Aos poucos, a segurança que a criança encontra no seio familiar, começa a ser transmitida na escola pelo professor, que é o adulto mais próximo.

De acordo com os autores:

O professor tem um papel significativo no processo de aprendizagem, pois deve perceber os alunos nos diferentes momentos deste processo e, cooperativamente, responder para que os mesmos evoluam rumo ao alcance de um nível mais elevado do conhecimento. Desta forma, o professor é um mediador competente entre o aluno e o conhecimento, tendo a possibilidade de criar situações de aprendizagens e provocar o desafio intelectual (SOUZA; FILHO, 2008, p. 6).

Na sala de aula, o professor precisa estimular a criança e fazer com que ela participe e interaja com as outras no momento das atividades, pois, são situações novas para todas elas, mas que podem trazer muitos benefícios. Essa interação e troca de ideias que ocorre entre os alunos, faz com que desafiam sua visão individualista e se tornem mais tolerantes a outras opiniões e pontos de vista. Com isso, é construída no indivíduo, uma visão ampla, democrática, que aceita o diferente (SOUZA; FILHO, 2008).

Segundo Souza e Filho (2008, p.6):

Tanto a família quanto a escola têm o objetivo de educar crianças e adolescentes, por isso, parece evidente que ambas devam manter uma relação de proximidade e cooperação, porém, o que parece tão óbvio não ocorre de fato.

Os autores ainda ressaltam que:

O que se tem observado, por um lado, é que a escola reclama a ausência da família no acompanhamento do desempenho escolar da criança, da falta de pulso dos pais para colocar limites aos filhos e da dificuldade que muitos deles encontram em transmitir valores éticos e morais considerados importantes para a convivência em sociedade. E por outro lado, a família

reclama da excessiva cobrança da escola para que os pais se responsabilizem mais pela aprendizagem da criança, da ausência de um currículo mais voltado para a transmissão de valores e para a preparação do aluno perante os desafios não-acadêmicos da sociedade e do mundo do trabalho (SOUZA; FILHO, 2008, p. 6-7).

“Ao mesmo tempo em que se é aluno também se é filho e vice-versa, o que faz com que família e escola estejam interligadas” (SOUZA; FILHO, 2008, p. 7), porém, cada instituição precisa entender quais são suas responsabilidades, para que não fique uma cobrando a outra, fazendo com que o aluno seja o maior prejudicado.

Sousa e Filho (2008, p.7) complementam:

Contudo, ao pensarmos nos alunos como filhos e cidadãos, veremos que é impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois a tarefa de ensinar não compete apenas ao professor, até mesmo porque o aluno não aprende apenas na escola, entre outras coisas, ele aprende também através da família, dos amigos, das pessoas consideradas significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Por isso, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola, por sua complexidade, precisa contar com o envolvimento de todos.

O comportamento da criança é muito influenciado pelas experiências que ela teve no contexto familiar e essas experiências servirão como uma base para quando a criança estiver na escola. Portanto, a colaboração da família implicará diretamente nas situações escolares (SOUZA; FILHO, 2008).

A modernidade fez com que as famílias se interessassem mais pela escola e por tudo que era desenvolvido dentro dela. Por conta do grande período de tempo que as crianças passavam nessa instituição. As famílias passaram a dar mais importância à rotina, aos conteúdos e a maneira

como os profissionais lidavam com as crianças (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Nogueira e Tavares (2013, p.49) relatam que:

[...] em alguns casos, famílias que, por serem mais escolarizadas, desejam conhecer mais profundamente os métodos e objetivos das escolas e até mesmo se veem como sujeitos de direito, como portadores do direito de intervir na vida escolar. Algumas vezes discordam dos objetivos de tal instituição e começavam a cobrar uma aprendizagem que seja útil para o futuro dos filhos.

Isso influencia as mudanças que ocorrem entre a relação da família com a escola. A família compreende a necessidade em participar da vida escolar e acompanhar o estudo das crianças, pois assim poderá incentivar, estimular e também analisar o desenvolvimento dos filhos; se houver um distanciamento da família, poderá causar um desinteresse na criança e um sentimento de desvalorização (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Segundo Bhering e Siraj-Blanchford (1999, apud TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 49-50):

[...] algumas funções da família nas quais estas estão relacionadas como obrigações essenciais dos pais: refletir sobre as ações e atitudes da família ligadas ao desenvolvimento integral da criança, além de promover um ambiente propício para aprendizagem escolar. Os autores citam também que é necessário o envolvimento dos pais em atividades de colaboração na escola, ou seja, os pais devem ajudar a equipe da direção no que concerne ao funcionamento da escola como um todo, isto é, em programações, reuniões, gincanas, eventos culturais.

Ainda, segundo os autores, deve haver um maior envolvimento dos pais em atividades realizadas em casa, onde deverão criar meios para mediar esse processo de aprendizagem. E também é importante que se interessem e participem do projeto político

da escola, para juntos refletirem sobre as metas da escola (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Para que a relação entre a família e a escola seja produtiva, ambas devem deixar de ver a outra como um obstáculo, e entender que são complementares no processo educativo. “E para que essa parceria ocorra, a escola desempenha papel relevante e fundamental no sentido de corresponder às expectativas de formação nela depositadas pelas famílias e pela sociedade como um todo” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 51).

Nessa relação deve existir compreensão e troca de saberes, para que uma consiga entender as ideias, as crenças e os valores da outra, sempre havendo respeito e diálogo (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Mesmo sabendo da importância dessa relação, os autores questionam o porquê das instituições ainda serem tão distantes. Podemos destacar o pensamento de alguns autores a respeito disso:

Paro (2007, p.68) afirma que:

Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão, por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação.

Sá (2001, apud TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 52) destaca:

A família demonstra que possui preocupação e desejo de envolver-se com os assuntos escolares, por outro lado, os discursos dos educadores demonstram o interesse na participação dos pais em situações que acontecem fora dos muros das escolas, como o auxílio nas tarefas de casa.

Para que haja uma melhoria nessa situação, é preciso levar em conta o contexto social e político dos alunos, pois as famílias são diferentes e cada uma vê a escola de uma maneira. Muitas vezes, alguns dos valores que as famílias prezam, não são

tão reconhecidos pela escola e por conta disso a família não se sente valorizada dentro da instituição (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Se a escola pretende fazer com que seus alunos queiram aprender, ela precisa conseguir o apoio da família para desenvolver nos alunos uma conduta ao aprender e ao estudar, pois se o aluno já fosse para a escola disposto a estudar, o trabalho em sala seria facilitado (PARO, 2007).

Segundo o autor, para que ocorram mudanças referentes à participação da família na escola, deve-se partir da escola uma postura otimista com relação à essas pessoas, oferecendo momentos de diálogo e de convivência, pois se eles entenderem a importância da sua participação para a evolução dos alunos, eles terão maior interesse em participar.

Paro (2007) também relata que no momento que os pais têm mais oportunidade de conversar com a família das crianças, que é durante as reuniões, isso não acontece de uma maneira muito positiva, porque não apresentam a eles nenhuma mudança, apenas fazem apontamentos a respeito dos defeitos dos alunos.

As reuniões devem ocorrer, para que haja uma troca de informações que auxilie na resolução de problemas e dificuldades observadas no cotidiano escolar das crianças e não apenas para apontar os erros. Por isso, é importante que elas ocorram durante o ano todo, e não apenas quando houver necessidade de comunicar os pais sobre algum problema, ou para o fechamento das notas dos alunos. “Cooperação, coletividade, parceria e união devem ser os princípios básicos dessa relação.” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 54).

O professor, sendo facilitador do processo de ensino, deve conhecer o histórico de seus alunos e o funcionamento da escola, para então determinar quais estratégias irá utilizar para favorecer o processo de aprendizagem dos alunos. Porém, o autor menciona que o professor não pode ser o único responsável por essa tarefa e que “a proximidade e interação entre famílias e escolas devem ser pensadas no interior de ações mais amplas das políticas públicas de educação no

Brasil” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 53).

Para os autores, é preciso que a escola e os pais se vejam como aliados, no que diz respeito à educação das crianças, e com isso um escute o que o outro tem a dizer, suas ideias e opiniões, se colocando sempre no lugar do outro para conseguir entendê-lo.

Sobre esta questão, Panza (2011, p.28) comenta:

[...] uma relação entre duas instituições tão importantes como a escolar e a familiar não pode ser estabelecida na forma de autoritarismo em que somente uma das partes está sempre certa e/ou fechada para qualquer diálogo.

Mesmo com objetivos em comum, a relação entre a família e a escola passa por muitos conflitos. Por parte da família, há uma grande desconfiança referente aos profissionais da educação e a importância do seu trabalho, e acabam atribuindo à escola de maneira integral a responsabilidade pela educação das crianças, se ausentando desse compromisso. Com relação à escola, muitas vezes os profissionais estão sobrecarregados de funções, exercendo seu papel em diversas instituições, sem poder se aprimorar em outras áreas de conhecimento, fazendo com que os pais não tenham tanta confiança no trabalho oferecido por eles (PANZA, 2011).

Assim, pais e professores são partes complementares do sistema educativo, e desta forma não podem ser divergentes, conflitantes ou então trabalharem de forma isolada. Nesse sentido, os pais interagindo com a escola e com os professores auxiliam seus filhos na elaboração de suas aprendizagens, não fazendo o papel dos professores sendo meros repetidores do trabalho escolar, mas sim colaborando para que a educação escolar possa ter continuidade no espaço familiar. Já a escola necessita ser uma instituição responsável pelo ensino dos conhecimentos, atentando-se para o fato de que a constituição da subjetividade da

criança se faz tanto na interação com a família quanto na interação com a escola (PANZA, 2011, p. 31).

Os pais e a escola não podem ter uma relação conflituosa e nem de dependência, portanto, um não pode substituir o outro, mas também não devem assumir responsabilidades que não são destinadas a eles. Cabe aos pais, no espaço familiar, dar continuidade à aprendizagem promovida na escola, “já que a função dos pais é essencial e insubstituível, mesmo antes da escola e independente desta.” (PANZA, 2011, p. 31).

Freire (1979, apud TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 55) afirma que:

[...] “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, ou seja, a escola não consegue educar sozinha e, para a construção qualitativa do processo de aprendizagem, a educação deve ser pautada numa participação efetiva entre família e escola.

As duas instituições citadas são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, devendo complementar uma o papel da outra. A família ajuda a escola a conhecer o aluno, e a escola oferece condições para trabalharem suas dificuldades. Esse trabalho, se realizado em conjunto, pode contribuir para melhores resultados dos alunos, não apenas em seu desenvolvimento cognitivo, mas também afetivo e social (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Para a criança se sentir segura durante o processo de aprendizagem, ela precisa de afetividade e compreensão, estando em um ambiente social favorável para não comprometer seu comportamento (CASARIN, 2007).

Para Casarin (2007, p.23):

A família é um sistema no qual os indivíduos desenvolvem a interação e a percepção de si mesmos e dos outros de forma complexa. É no sistema familiar que são expressas as inquietações, as conquistas, os medos e as metas pessoais.

Para tanto, é necessário preservar a individualidade dos seus membros e ao mesmo tempo preservar o sentimento coletivo. Isso representa uma forma de apoio mútuo em família.

Segundo o autor:

[...] na medida que a criança consegue corresponder às solicitações escolares, desempenhar o seu papel de aluno, realizar as atividades propostas e preparar-se para as avaliações, cresce nela a autoestima e a confiança em sua capacidade para lidar com os desafios que surgem, tanto no ambiente escolar como fora dele, o que, naturalmente, vai estimular a busca pelo aprender por si mesma, a autonomia (CASARIN, 2007, p. 34).

As pessoas conseguem se organizar de acordo com o meio em que estão inseridas, entendem suas responsabilidades e reconhecem o certo e o errado ao fazerem suas escolhas. Já a criança em fase de maturação, não atua com essa responsabilidade, portanto deve ser orientada pela família ao fazer escolhas, cabendo aos pais à responsabilidade em seu desempenho escolar (CASARIN, 2007).

Para o autor, educar não cabe apenas à escola, pois para atingir um bom desempenho na vida escolar é fundamental que os pais ou responsáveis participem e orientem os filhos, para que desenvolvam o hábito de estudar.

A criança tem a participação dos pais em seu processo de aprendizagem muito antes de ter contato com a escola e o meio em que ela está inserida, influencia diretamente em seu aprendizado. Podemos ver um exemplo citado pelo autor a respeito da leitura, onde ele diz que se no meio familiar a criança já tiver contato com livros, se os pais leem para ela, se ela puder relacionar a leitura a momentos prazerosos da vida cotidiana, na escola ela já terá um maior interesse em aprender a ler. “Porém, é a escola que tem a função de ensinar as crianças a ler e a escrever, adensando os conhecimentos que trazem de suas experiências

familiares com a leitura” (PANZA, 2011, p. 32).

A diversidade de situações em que é demonstrada à criança a funcionalidade da escrita, em que os filhos vêem seus pais fazerem uso da escrita em diversas tarefas como: a escrita de uma receita culinária, a leitura de uma receita que será feita conjuntamente com a criança, a leitura das instruções de como utilizar um produto de limpeza ou a validade de um alimento, as placas indicativas de um caminho e até manuais explicativos que acompanham diversas máquinas que adquirimos como eletrodomésticos, são situações constitutivas da aprendizagem das crianças e que favorecem o trabalho do professor em sala de aula (PANZA, 2011, p. 32-33).

Por isso é importante que os pais tentem despertar a curiosidade da criança a respeito da leitura e da escrita nesses momentos comuns do cotidiano, para que eles também tenham vontade de aprender (PANZA, 2011).

Ajudar uma criança no trabalho escolar, instruindo, fornecendo pistas e prestando atenção em seus avanços e retrocessos pode se configurar numa boa relação com a escola, com o conhecimento e com aquilo que a professora ensina em sala de aula (PANZA, 2011, p. 34).

Para o autor, quando a família se dispõe a acompanhar os cadernos das crianças e as anotações feitas pelos professores, isso os aproxima da escola, aumentando as chances dessa parceria ter bons resultados.

Segundo Fevorini e Lomônaco (2009) outra prática importante que aproxima os pais, não só da escola como do aprendizado dos filhos, é convidá-los para assistirem e participarem dos produtos de aprendizagem de seus filhos. Essas situações oportuniza os pais a comparecerem à escola em função de aspectos positivos do trabalho. Mas esses

eventos devem ser concebidos na perspectiva da socialização, pois na visão de Freire (1970 apud FEVORINI; LOMÔNACO, 2009), é intrínseca ao próprio ato de educar, e deve fazer parte do trabalho de toda a comunidade escolar.

Também a reunião de pais, por exemplo, pode ser pensada de uma outra forma e se tornar um espaço importante para reforçar os laços família-escola.

O resultado de todo esse processo/parceria pode refletir tanto em benefícios para a família como para a escola, e atingindo principalmente na educação escolar das crianças e conseqüentemente em seu desenvolvimento integral. Entretanto, entendemos também que as complicações que esta falta de comunicação e de parceria entre as duas instituições pode causar na vida escolar da criança e entendemos a necessidade de se buscar alternativas que possam contribuir para uma maior parceria entre a família e a escola (PANZA, 2011).

Portanto, nesse sentido, a autora finaliza dizendo que:

[...] ao invés de ocorrer verdadeiras guerras entre professores e pais, onde cada um atribui ao outro a responsabilidade de um fracasso escolar, por desacordos na forma de agir, que possamos buscar o entendimento, o respeito mútuo e a compreensão na qual a criança seja a maior beneficiária (PANZA, 2011, p. 36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escola e família são instituições distintas e que apresentam objetivos diferentes, entretanto, compartilham a importante tarefa de preparar os aprendizes para a inserção na sociedade, a qual deve ter uma característica crítica, participativa e produtiva.

Conclui-se que quando a família entende o trabalho realizado pela escola, ela tem uma maior confiança nos profissionais ali presentes, e passa esta confiança para a criança, estimulando e incentivando-a nesse processo.

Portanto, uma instituição não pode substituir o papel da outra, mas sim dar continuidade ao seu trabalho, em função de um bem em comum: a criança.

Para que este desafio seja superado é necessário o desenvolvimento de pesquisas que invistam no conhecimento da relação família-escola (especialmente no contexto da psicologia escolar); defende-se também a importância de novas investigações que procurem conhecer as práticas que a norteiam e a atuação dos profissionais que nela estão envolvidos, a fim de oportunizar a reflexão e implementação de novas possibilidades de intervenção que promovam mudanças significativas na relação família-escola.

Por fim, é importante ressaltar que o presente trabalho não está isento de limitações, entretanto oportuniza uma reflexão entre a relação Família e Escola, na medida em que se discute seu histórico e sua importância dentro do contexto da educação escolar.

REFERÊNCIAS

AHMAD, L. A. S. Um breve Histórico da Infância e da Instituição de Educação Infantil. **P@rtes**. São Paulo, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/historicodainfancia.asp>>. Acesso em: 4 mai. 2016 (não paginado).

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília - DF, 23 dez. 1996.

CASARIN, N. E. F. **Família e aprendizagem escolar**, 2007. 85f. Dissertação (Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FEVORINI, Luciana Bittencourt; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 28, p. 73-89, 2009.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.27, n.1, p. 99-108, jan.-mar. 2010.

PANZA, B. A. **A importância da participação da família no âmbito escolar**. 2011. 38f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – FACECAP, Capivari, 2011.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. 3.ed. São Paulo: Xamã, 2007.

PICANÇO, A. L. B. **A relação entre escola e família - as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem**, 2012. 117f. Relatório (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012.

SANTOS, L. R.; TONIOSSO, J. P. A importância da relação escola-família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, v. 1, n. 1, p. 122-134, 2014.

SOUZA, A. P.; FILHO, M. J. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**: Universidade Estadual Paulista. São Paulo, n. 44/7, p. 1-8, 2008.

TAVARES, C. M. M.; NOGUEIRA, M. O. Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria. **Revista Formação@ Docente**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 43-57, 2013.

TEIXEIRA, G. A. S. **Família e escola**: considerações sobre o papel social dessas instituições na sociedade contemporânea. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Geiliane_Teixeira.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2016.

VARANI, A.; SILVA, D. C. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, 2010.